



Explorando as concepções de alfabetização em geografia

Plínio Matheus Paiva Beserra¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Thiago Henrique Costa Simões Antunes²

Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

O presente artigo constitui-se como uma investigação destinada a analisar a noção de alfabetização geográfica no contexto das pesquisas nacionais, bem como propor, de modo introdutório, a partir da diversidade de interpretações e operacionalizações concernentes ao tema, caminhos que dialoguem com os problemas do presente e com uma visão integrada de geografia. Para isso, utilizou-se um método de pesquisa qualitativo, baseado na análise bibliográfica de livros, teses, dissertações e artigos científicos, de materiais atuais e retrospectivos, considerados cientificamente autênticos. O recorte metodológico estabelecido abrange o período de meados da década de 1990, quando o termo surge pela primeira vez no âmbito brasileiro, até 2023, ano em que a pesquisa foi realizada. A partir da investigação empreendida, foi possível compreender que a alfabetização geográfica, apesar de ter sido aplicada a distintas circunstâncias pedagógicas no campo do ensino de geografia, conserva um aspecto invariável: a capacidade de estimular descobertas, questionamentos e discussões sobre o espaço vivido dos alunos.

Palavras-chave: Alfabetização Geográfica; Ensino de Geografia; Geografia Escolar; Alfabetização Espacial.

Exploring Conceptions of Literacy in Geography

Abstract.

The present article constitutes an investigation aimed at analyzing the notion of geographic literacy within the context of national research, as well as proposing, in an introductory manner, paths that, based on the diversity of interpretations and operationalizations related to the theme, dialogue with contemporary issues and an integrated vision of geography. For this purpose, a qualitative research method was employed, based on bibliographic analysis of books, theses, dissertations, scientific articles, and both contemporary and retrospective materials, considered scientifically authentic. The methodological framework established covers the period from the mid-1990s, when the term first appeared in the Brazilian context, to 2023, the year the research was conducted. From the investigation carried out, it was possible to understand that geographic literacy, despite being applied to distinct

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; E-mail: pmathheus@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5917-3537>.

² Doutorando em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: thiagosimoesantunes@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7468-2388>.

pedagogical circumstances in the field of geography teaching, retains an invariable aspect: the ability to stimulate discoveries, inquiries, and discussions about students' lived spaces.

Keywords: Geographic Literacy; Geography Teaching; School Geography; Spatial Literacy.

Explorando las Concepciones de Alfabetización en Geografía

Resumen

El presente artículo se constituye como una investigación destinada a analizar la noción de alfabetización geográfica en el contexto de las investigaciones nacionales, así como a proponer, de manera introductoria, caminos que, basados en la diversidad de interpretaciones y operacionalizaciones relacionadas con el tema, dialoguen con los problemas del presente y con una visión integrada de la geografía. Para ello, se utilizó un método de investigación cualitativo, basado en el análisis bibliográfico de libros, tesis, disertaciones y artículos científicos, de materiales actuales y retrospectivos, considerados científicamente auténticos. El recorte metodológico establecido abarca el período desde mediados de la década de 1990, cuando el término aparece por primera vez en el ámbito brasileño, hasta 2023, año en que se realizó la investigación. A partir de la investigación realizada, fue posible comprender que la alfabetización geográfica, a pesar de haber sido aplicada a distintas circunstancias pedagógicas en el campo de la enseñanza de la geografía, conserva un aspecto invariable: la capacidad de estimular descubrimientos, cuestionamientos y discusiones sobre el espacio vivido de los estudiantes.

Palabras clave: Alfabetización Geográfica; Enseñanza de la Geografía; Geografía Escolar; Alfabetización Espacial.

Introdução

As pesquisas em torno da alfabetização geográfica no Brasil localizam-se majoritariamente no campo do ensino de geografia. Uma característica comum dessas pesquisas, além de serem pouco numerosas, é a promoção da alfabetização geográfica como parte de um conjunto de proposições teóricas, metodológicas e epistemológicas em geografia. Se, por um lado, é oportuna e necessária a associação entre a alfabetização geográfica e orientações críticas que estejam em sintonia com os conhecimentos e procedimentos da ciência geográfica e dos geógrafos, estabelecendo uma interlocução também com conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais (Zabala, 2002), por outro, a falta de clareza em relação ao uso do termo e as generalizações acríticas podem prejudicar o potencial formativo contido neste domínio.

Este artigo visa examinar a concepção de alfabetização geográfica dentro do contexto das pesquisas nacionais. Além disso, pretende, de forma introdutória, sugerir caminhos que, considerando a diversidade de interpretações e aplicações do tema,

dialoguem com os desafios contemporâneos e uma perspectiva integrada da geografia³.

A estruturação de um apanhado panorâmico sobre o tema, destacando as principais definições utilizadas para a conceituação dos processos de alfabetização geográfica, abre caminho para a compreensão de que se trata de uma abordagem complexa, capaz de comportar diferentes possibilidades de encaminhamento. No entanto, mantém um princípio fundamental: ser um instrumento de iniciação relacional entre os conhecimentos da geografia enquanto ciência e os saberes geográficos dos estudantes. A alfabetização geográfica visa promover uma formação espacial cidadã e a construção de um raciocínio geográfico crítico, competente em estabelecer perspectivas escalares sobre os significados dos fenômenos geográficos no cotidiano e as intencionalidades e atores implicados.

Trabalhos que abordam a alfabetização geográfica frequentemente fazem breves revisões da bibliografia existente e se apoiam em orientações gerais. Por exemplo, destacam que a alfabetização geográfica busca fornecer aos estudantes, principalmente dos anos iniciais, as ferramentas necessárias para compreender o espaço geográfico, que é um dos principais objetos de estudo da ciência geográfica. Alguns desses trabalhos incluem os importantes estudos de Marques (2009), Vicente (2015), Gonçalves (2015) e Silva e Braga (2001).

A sequência do texto apresenta sete subseções que exploram diferentes relações entre as propostas de alfabetização geográfica e seus consequentes envolvimento teórico e metodológico. Essas relações variam desde questões técnicas consideradas "menores", que envolvem variações semânticas na forma de referenciar o tema, mas que carregam um conteúdo epistemológico próximo. Por exemplo, Callai (2005) utiliza o termo "Alfabetização Espacial", enquanto Gonçalves (2015) prefere "Alfabetização Geográfica". Ambas as autoras estão se referindo a processos semelhantes, que visam oferecer subsídios para aperfeiçoar tanto o entendimento quanto a qualidade das práticas espaciais dos estudantes dos anos iniciais, fornecendo as competências necessárias para a leitura do espaço geográfico.

³ A pesquisa apresentada origina-se da dissertação de mestrado de um dos autores, que examinou a relevância do processo de alfabetização geográfica no âmbito do ensino da disciplina de geografia.

Esse caso exemplifica uma das diversas situações em que ocorre alguma distinção sutil entre os termos, mas que não afeta a noção geral do processo.

Por outro lado, há pontos de divergência mais substanciais, nos quais o processo de alfabetização em geografia é concebido como a capacidade de desenvolver um "raciocínio geográfico" (um tema transversal que se relaciona intimamente com a alfabetização geográfica). Em outra perspectiva, é visto como a construção de um "pensamento espacial", que pode parecer equivalente à primeira abordagem, mas que, na verdade, difere, como evidenciam os fundamentos teóricos que sustentam cada uma (Duarte, 2021).

Enquanto o raciocínio geográfico é uma subcategorização para um conjunto de capacidades que visam a interpretação geográfica da realidade, o pensamento espacial é um complexo teórico derivado da literatura estadunidense, que corresponde à tradução literal do termo inglês "*spatial thinking*", sendo um aporte mais amplo e que almeja condensar todas as dimensões contidas nas várias formulações de raciocínio espacial, desde as dimensões geométricas, matemáticas, projetivas, representacionais, até às geográficas (Duarte, 2021).

É importante destacar duas observações metodológicas. Em primeiro lugar, a organização do arranjo dos materiais foi feita de forma arbitrária, refletindo o entendimento dos autores. Outras maneiras de organização seriam igualmente válidas, e não se pretende uma forma definitiva, apenas parcial. Em segundo lugar, os títulos das subseções condensam o nome proposto para a "categoria" sob a qual a bibliografia está organizada. Por exemplo, a primeira subseção - "Das concepções de alfabetização geográfica ligadas ao espaço geográfico" - ilustra que uma forma de organizar o material sobre o tema é dividi-lo entre essas concepções diretamente ligadas ao espaço geográfico. No entanto, todas as propostas, em maior ou menor medida, dialogam com o espaço geográfico, pois este é um objeto de estudo consagrado no campo - não sem controvérsias. Como se procura demonstrar, existem trabalhos que são diretamente associados a este objeto, pois o entendem como objetivo da alfabetização geográfica, e existem outras concepções onde parece que o propósito da alfabetização em geografia é de outra natureza, como no caso da alfabetização científica. A variedade observada na forma como o conceito é proposto

é parte do que motiva a existência deste artigo, cujo propósito é explorar essa diversidade.

Das concepções de alfabetização geográfica ligadas ao espaço geográfico

Diamantino Pereira, em texto de 1995⁴, é o primeiro autor encontrado no levantamento produzido que comenta acerca de uma "Alfabetização em Geografia". O trabalho do autor, na esteira dos estudos produzidos nos anos de 1990, propõe-se a examinar a fetichização dos conteúdos nas aulas de geografia. Neste sentido, o "conteúdo", assumido como objetivo-fim e método-caminho de ensino da disciplina, exerce protagonismo nos processos de iniciação aos conhecimentos da ciência geográfica.

Outro debate em destaque na época foi introduzido pelo escolanovismo, um movimento que trouxe ao Brasil uma visão mais moderna de ensino, parcialmente baseada na pedagogia construtivista. Essa abordagem sugere métodos de ensino-aprendizagem mais significativos para os estudantes, o que abre espaço para repensar o ensino da geografia de forma mais atraente e eficaz.

No contexto dessas discussões, surge a necessidade de a geografia se adaptar a essa nova perspectiva de ensino, começando por estabelecer um ponto de partida seguro. Ou seja, definir referenciais pedagógicos que guiem o processo de ensino-aprendizagem desde o início até o objetivo final, que são as competências e habilidades que os alunos devem adquirir. Segundo Pereira (ibid), isso não deve se restringir aos conteúdos, que são apenas meios para alcançar os objetivos, mas sim promover tanto uma leitura crítica da realidade quanto a possibilidade de estimular transformações sociais.

Não cabe à geografia, portanto, transmitir conteúdos estanques e apartados da vida real dos alunos, pois isso implica uma série de problemas para o ensino, a começar pela percepção da geografia como uma disciplina enfadonha, mnemônica e distante de suas efetivas preocupações. É necessário questionar a dicotomia entre a

⁴ Geografia escolar: conteúdos e/ou objetivos. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 17, p. 139 - 151, jul. 1995

geografia vivida e a geografia ensinada. A apropriação do conhecimento geográfico por grupos dominantes, que o veem como essencial para manter o poder e controlar pessoas e territórios, explica por que a disciplina escolar foi estruturada para esconder a geografia como um conhecimento estratégico e potencialmente subversivo em relação à lógica do capital (Lacoste, 1976).

O ensino de primeiro grau caracteriza-se, fundamentalmente, pelo processo de alfabetização, em sentido amplo, a que os alunos são submetidos. Assim, nas diversas disciplinas, que compõem a grade curricular, colocam-se princípios e se estabelecem linguagens dos mais variados tipos, que serão absorvidas pelos alunos como ferramentas de comunicação e de entendimento do mundo (Pereira, Op, cit., p. 145).

Em Pereira, tanto cronologicamente, por ser o texto mais antigo que trabalhamos, quanto conceitualmente, por trazer à luz o tema da alfabetização em geografia, aparece o primeiro germe da discussão que se desenvolverá nas décadas seguintes. Como coloca o autor:

Como nos exemplos que citamos anteriormente, nessa fase, necessariamente, o processo que se coloca é o da alfabetização entendida em seu sentido amplo. E a alfabetização, para a geografia, somente pode significar que existe a possibilidade do espaço geográfico ser lido e, portanto, entendido. Pode transformar-se, portanto, a partir disso, em instrumento concreto do conhecimento. Mais que isso, o espaço geográfico pode transformar-se em uma janela a mais para possibilitar o desvendamento da realidade pelo aluno (Pereira, *ibid*, p. 146).

Então, uma primeira proposta de alfabetização em geografia é delineada. Esse enfoque inicial aborda aspectos como: a) a alfabetização geográfica integrada a um amplo processo de alfabetização nos anos iniciais, de forma similar a outras disciplinas; b) o "espaço geográfico" como o foco central no desenvolvimento dessas "competências geográficas", sendo esse o objetivo final proposto por Pereira; e c) o espaço geográfico sendo visto como uma "janela" que permite ao aluno "desvendar" a realidade ao seu redor.

Semelhante a isso, Silva e Braga (2001) apontam que a alfabetização geográfica envolve três núcleos de competências gerais: 1) a compreensão de representações cartográficas, que são o "alfabeto da geografia" (mapas, plantas, croquis, desenhos, símbolos e outros), ou seja, os elementos simbólicos; 2) uma série de processos cognitivos como observação, descrição e interpretação; 3) os conceitos fundamentais como sociedade, natureza, lugar, território, entre outros.

Segundo as autoras, escrever e ler o espaço geográfico significaria, então, representar através de símbolos os elementos que existem no espaço, símbolos de natureza mais diversa do que apenas grafemas (letras).

Em uma outra perspectiva de alfabetização geográfica ligada ao espaço geográfico, Pegoretti et al. (2014) reiteram a estruturação de Pereira (Op.cit), ou seja, a associação entre alfabetização em sentido amplo, relativa à aquisição de competências junto aos códigos de leitura e escrita e a alfabetização em geografia, tomada como correlata leitura do espaço geográfico. Apesar dos avanços trazidos por este esforço inicial, essa vertente pode acabar traduzindo-se em uma emulação de práticas e procedimentos clássicos e genéricos aplicados ao universo dos grafemas no contexto de uma correlata leitura do espaço geográfico, tomado como principal objeto a ser “lido” pelo aluno.

Para outros autores, como Castrogiovanni (2006) e Callai (2005), a função alfabetizadora da Geografia escolar é intitulada “alfabetização espacial”, mas, de toda forma, as ideias dos três autores se comungam quanto à imprescindibilidade dessa disciplina no processo de alfabetização do educando da escolarização básica. Outro aspecto em comum entre os autores é a articulação/fusão da função alfabetizadora da Geografia com o seu próprio objeto, isto é, “alfabetizar em Geografia é ler e interpretar o espaço geográfico (Zerbato, 2013, p. 65).

Em sua dissertação de mestrado, Zerbato (2013) propõe um diálogo entre a construção de currículo, a alfabetização geográfica e o contexto de políticas neoliberais na educação contemporânea. A autora, a partir de uma abrangente reconstrução histórica do currículo de ensino de geografia no Brasil, destaca práticas hegemônicas, interesses e motivações entre esses elementos e a implementação do ideário neoliberal que afetou o ensino brasileiro, apontando suas consequências para o ensino de geografia.

Para uma alfabetização geográfica atualizada, é necessário perceber e analisar criticamente aspectos contemporâneos, como a guinada neoliberal, que se intensificou no Brasil a partir dos anos 1990. O mundo contemporâneo é marcado por uma complexa rede global, que ultrapassa os limites imediatos de convivência. Nesse contexto, o neoliberalismo tem contribuído para o aumento diário da exclusão, exploração e violência, tornando a compreensão do mundo nebulosa para muitos. Para compreender criticamente essa espacialidade, é essencial utilizar ferramentas

conceituais, como as categorias geográficas, estabelecendo uma mediação sensível aos diferentes momentos formativos, sem, no entanto, deixar de oferecer perspectivas mais amplas e integradas desde cedo (Callai, 2012).

Alfabetização espacial

Numa outra chave de leitura, tem-se as interpretações que compreendem os processos de alfabetização em geografia como parte da "alfabetização espacial". A alfabetização espacial apresenta-se como uma abordagem mais abrangente, indo além do caráter epistemológico formal da disciplina geografia, conduzindo, com efeito, a uma apreensão mais integrada, em diálogo com outras disciplinas e saberes.

Castrogiovanni (2000, p. 11) define "alfabetização espacial" como a "construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaboradas dinamicamente pelas sociedades". Para o autor, a alfabetização espacial deve capacitar o aluno com as ferramentas necessárias para interpretar o espaço em todas as suas dimensões, visto que o espaço permeia e constitui tudo. Ele compreende as formas, as estruturas, as relações e as dinâmicas que ocorrem no espaço, as quais condicionam sua organização e são reciprocamente influenciadas por suas condições.

O espaço, compreendido em sentido amplo, estabelece um diálogo com o campo da história e com elementos gerais das ciências sociais e humanas, como destacado pelo autor: "E, portanto, a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens, deve fazer parte também dessa alfabetização" (Castrogiovanni, 2000, p. 12).

Nesse sentido, percebe-se que essa concepção é abrangente, porém ambígua quanto a uma especificidade do caráter geográfico, do ponto de vista disciplinar. Na proposta de Castrogiovanni, o espaço — concebido como a totalidade-mundo — engloba dinâmicas espaciais associadas a todas as outras dimensões da realidade, sejam naturais ou sociais. Portanto, a alfabetização espacial à qual o autor se refere

é um arcabouço holístico mais amplo do que a alfabetização geográfica, entendida de forma restrita ao "saber geográfico disciplinar".

Callai (2005), em um artigo de reconhecida relevância, aborda a importância do ensino da geografia nas séries iniciais do ensino fundamental, destacando as possibilidades desse aprendizado a partir da leitura do mundo, da vida e do espaço vivido. A autora ressalta a contribuição da geografia para a alfabetização do estudante. Embora o texto não mencione explicitamente a expressão "alfabetização geográfica", ele trata da alfabetização espacial e da alfabetização convencional. No entanto, esses temas são abordados de forma periférica, sem um enfoque objetivo.

O texto trata do papel da geografia nos anos iniciais, sublinhando a necessidade de promover, nesta fase, processos de "alfabetização cartográfica" junto aos educandos. A autora também se preocupa com os conteúdos de geografia presentes nos currículos escolares, atentando para o seu papel fundamental como instrumento de poder ideológico que deve superar o reconhecimento de apenas questões gerais e levar em conta a realidade concreta dos alunos.

Destarte, a especificidade da geografia, enquanto ciência que preconiza uma análise integrada e se vale de expedientes dos mais diversos ramos do conhecimento, apresenta-se como um trunfo para o desenvolvimento de compreensões espaciais que considerem a totalidade das relações. Essas competências geográficas de entendimento do espaço e sua leitura, portanto, levam à possibilidade de uma "leitura do mundo" relacionada ao "espaço vivido" do estudante, em suas múltiplas camadas, ligadas a conceitos como lugar, território, região e paisagem.

Santos (2015) produziu um estudo de caso sobre o processo de alfabetização geográfica de alunos do quarto e quinto ano do ensino fundamental em uma escola municipal em Alagoa Nova, município da Paraíba. A autora, tomando como referência os trabalhos de Castrogiovanni (2000) e Callai (2005) sobre alfabetização geográfica, defende a função alfabetizadora da geografia. Segundo ela, essa função compreende a familiarização dos estudantes tanto com conceitos como região e rede quanto com procedimentos metodológicos, como a conversão de distâncias de acordo com a perspectiva escalar em questão. Esses elementos são fundamentais para a construção de um "raciocínio geográfico" coerente e integrado.

A função alfabetizadora da Geografia na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve se traduzir no domínio de instrumentos conceituais e metodológicos que auxiliam as crianças a construir um raciocínio geográfico (Santos, 2015, p.45 apud Farias, 2014, p. 84).

Vicente (2015), em sua dissertação de mestrado, discute a alfabetização espacial circunstanciada à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Seu objetivo geral é:

Analisar como ocorre a tessitura, ou não, entre as interfaces da proposta pedagógica, da práxis docente e das habilidades discentes construídas, a partir da vivência cotidiana, no desenvolvimento da competência à leitura do espaço geográfico em jovens e adultos, a alfabetização espacial (Vicente, 2015, p.17).

Conforme exposto, o projeto pretende identificar como ocorrem as tessituras entre as propostas pedagógicas para o ensino da geografia na EJA e a aprendizagem de fundamentos geográficos relevantes à “leitura” do espaço. Para isso, mobiliza documentos pedagógicos da EJA, realiza estudos de campo, a fim de compor um quadro contextualizado do entorno da comunidade escolar, caracteriza as diversidades e potencialidades presentes, e faz um levantamento das habilidades dos alunos observadas em sala de aula. Com isso, o autor abre caminho para compreender a alfabetização geográfica como um processo amplo e complexo, que não necessariamente se desenvolve com base em parâmetros etários, mas que precisa dialogar com os saberes geográficos e as práticas espaciais dos alunos, vistos como sujeitos ativos na interação com os conhecimentos.

A prática cotidiana dos alunos, sejam dos anos iniciais ou da EJA, é plena de espacialidade e de conhecimento sobre essa espacialidade. Os alunos, crianças, adolescentes ou adultos, se deslocam, brincam e trabalham pela cidade. Em seus bairros e ruas, estão continuamente criando lugares, produzindo espaço e delimitando seus territórios. Dessa forma, constroem espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e contribuem para a formação de espaços geográficos mais amplos. Ao fazerem isso, também geram conhecimentos sobre esses espaços, que são, em essência, conhecimentos geográficos. É responsabilidade da escola integrar esses conhecimentos em seu currículo, discutindo, transformando e ampliando as práticas dos alunos, com o objetivo de promover uma prática espacial reflexiva e crítica (Cavalcanti, 2012).

Um outro aspecto discutido no trabalho de Vicente refere-se à distinção conceitual entre alfabetização cartográfica e alfabetização geográfica. O autor estabelece uma importante diferenciação entre o espectro "geografizável", isto é, analisado, interpretado, descrito e formulado perante o arcabouço da disciplina/ciência geografia, e o espectro "cartografável", que é o ato de representar, reproduzir e, por consequência, ressignificar o espaço e seus elementos.

O nosso intento em delimitar uma concepção de alfabetização espacial tem como propósito revelar uma distinção conceitual entre cartografar e geografizar o espaço. O objeto da Geografia é o espaço geográfico, que como conjunto indissociável e solidários de sistemas de ações e sistema de objetos" (Santos, 1995) pode conter muito mais variáveis e tessituras do que somente os aspectos cartografáveis (Vicente, 2015, p. 89).

É amplamente reconhecido na literatura sobre alfabetização geográfica que, para um ensino e uma prática geográfica significativos, é essencial integrar metodologias de representação com a análise e "geografização" dos elementos, trabalhando a partir desta articulação. A necessidade de ambos os espectros – o "geografizável" e o "cartografável" – não está em debate. Vicente, de maneira precisa, destaca a importância de compreender a alteridade entre esses dois aspectos, sem minimizar a relevância de cada um deles. Em síntese, o autor define o que chama de alfabetização espacial:

Para um exercício de síntese conceitual, entendemos, nesse contexto, que seja possível definir a alfabetização espacial como uma metodologia de análise relacional dos elementos, manifestos e latentes, do espaço geográfico. Num nível de maior operacionalização, pressupomos que podemos definir essa competência como uma ferramenta de leitura do mundo (Vicente, 2015, p. 94).

À vista disso, é fundamental levar em conta as representações sociais dos alunos, pois elas refletem seus conhecimentos cotidianos, estabelecendo mediações que possibilitem transformar saberes em desenvolvimento, cuja base inicial é uma imagem mental. Isso nos permite trabalhar com conhecimentos que ainda não foram plenamente conscientizados ou verbalizados, permanecendo no nível da experiência vivida e sentida. Esse tipo de conhecimento contém elementos de conceitos já potencialmente presentes nos alunos, servindo como um parâmetro para uma aprendizagem significativa (Cavalcanti, 2012).

Em um trabalho voltado à formação docente e suas relações com a alfabetização espacial e cartográfica, Duarte (2021) situa o processo de alfabetização cartográfica nos contextos mais amplos das alfabetizações gráfica, espacial e geográfica. Parte da motivação do autor para essa pesquisa é compreender uma série de problemas relacionados às práticas cartográficas no ambiente escolar, tais como: 1) subutilização ou mesmo negligência quanto ao uso da linguagem cartográfica no cotidiano escolar; 2) deficiência na formação inicial docente quanto à proficiência cartográfica; 3) carência de disciplinas de graduação voltadas especificamente para o propósito de instrumentalizar o professor quanto ao uso pedagógico do mapa; 4) uso predominantemente ilustrativo dos recursos cartográficos nas obras didáticas, apenas para citar alguns dos mais recorrentes.

Uma concepção de alfabetização espacial que pode contribuir para a resolução de parte dos problemas elencados é:

À luz da bibliografia consultada, apresentamos a alfabetização espacial de caráter geográfico como sendo a expressão da capacidade do indivíduo de mobilizar os conhecimentos geográficos, associados às potencialidades do pensamento espacial e de forma articulada com as múltiplas possibilidades de representar o espaço e de se pensar com o espaço (Duarte, 2021, 118/119).

Alfabetização em geografia e educação ambiental

A alfabetização geográfica, embora ainda pouco debatida em termos conceituais e metodológicos, está associada a diversas possibilidades científicas e pedagógicas. Por exemplo, Agner (2002), em sua dissertação de mestrado, reconhece a alfabetização geográfica como um importante fundamento da educação ambiental. A pesquisa, de caráter qualitativo, investiga as contribuições da geografia para as práticas pedagógicas em educação ambiental na rede pública municipal de Porto Alegre. O trabalho utiliza o termo "alfabetização em geografia" no título, resumo e palavras-chave, e inclui uma definição para alfabetização geográfica, além de dedicar um tópico inteiro à questão.

Aprender a interpretar relações nas suas manifestações espaciais, em outras palavras, ler o espaço geográfico e entender a sua dinamicidade, promovendo novas leituras do mundo é o que se entende aqui por alfabetização em geografia. A alfabetização em geografia permite a decodificação de marcas da ação do homem sobre o ambiente, condição básica para a educação ambiental (Aigner, 2002, p. 30).

Função alfabetizadora da geografia

Perez (2005) escreveu um ensaio sobre a função alfabetizadora do ensino de geografia nas séries iniciais, dialogando com as obras de Milton Santos e Paulo Freire. A autora convida o leitor a refletir sobre uma “epistemologia existencial” que faça sentido para os diferentes contextos escolares brasileiros. Embora não utilize a expressão “alfabetização geográfica”, ela se refere à “função alfabetizadora da geografia”, relacionando os aportes teóricos e metodológicos de Milton Santos com os fundamentos pedagógicos freireanos, para conformar uma proposta abrangente da função pedagógica da geografia enquanto campo de estudos voltado a promover a emancipação dos estudantes, capacitando-os a interpretar e transformar a realidade em que vivem.

A alfabetização geográfica como caminho para o raciocínio espacial/geográfico

Mazzonetto e Moreira (2006, p. 125), inspirados por Castrogiovanni (2000), argumentam que estar alfabetizado em geografia implica “relacionar espaço com a natureza, espaço com a sociedade, perceber os aspectos econômicos, políticos e culturais, entre outros, do mundo em que vivemos”. Nesse sentido, as dimensões de escrita e leitura em geografia dizem respeito às possibilidades de leitura do mundo, permitindo que o estudante, além de localizar-se, orientar-se, descreva e relacione, de modo crítico, os significados dos fenômenos nas diferentes escalas dos acontecimentos. Compreender a localização e os sentidos das localizações é fundamental para permitir sua espacialização (Cavalcanti, 1998). Dessa forma, é necessário compreender a paisagem além da sua aparência, desvendar os significados dos lugares e possibilitar a apropriação e transformação dos espaços, indo além da mera localização e relacionando os lugares com as sociedades (Garcia-Silva e Lima Junior, 2020).

Nesse sentido, a posição de Mazzonetto e Moreira (op. cit.) expõe de forma enfática a dimensão política de luta como um dos objetivos associados à prática de alfabetização em geografia. Os autores sublinham a importância da formação da consciência política dos estudantes como aspecto estruturante para a efetivação de um raciocínio geográfico sensível aos processos de exploração e alienação cotidiana

que permeiam a lógica da sociedade de mercado. A despeito disso, os autores não realizam aprofundamentos sobre a distinção entre a alfabetização convencional e a geográfica, apesar de algumas considerações. A Geografia, assim, parece ser dotada de um processo próprio de alfabetização, que ocorre nos anos iniciais e está relacionado à formação do raciocínio espacial, ao mesmo tempo em que contribui para a alfabetização convencional, no sentido da compreensão dos signos escritos. De fato, os processos são integrados, mas, dados os propósitos de nosso artigo, essa problemática é então ressaltada. Os autores salientam a noção de “raciocínio espacial” como resultado desse processo de alfabetização geográfica crítica, o qual requer uma mediação docente sensível ao cotidiano imediato do aluno e suas relações com outros lugares.

Até onde foi alcançado por esta pesquisa, a primeira dissertação de mestrado exclusivamente dedicada ao tema “alfabetização geográfica” foi produzida por Marques em 2009⁵. A autora parte da premissa de que a alfabetização geográfica avança para além da alfabetização convencional, pois não se restringe à construção da capacidade de leitura e interpretação de signos visuais. Para a autora, a alfabetização em geografia deve ser realizada considerando particularidades da geografia em sua dimensão epistemológica. “alfabetizar em geografia é desenvolver um raciocínio geográfico, mas, sobretudo, no primeiro e segundo anos, a importância do ensino de geografia consiste em desenvolver as noções de espaço da criança” (Marques, 2009, p. 12).

Em consonância com que aduz a autora, compreendemos o desenvolvimento do raciocínio geográfico como um aspecto estruturante do processo de alfabetização em geografia. Antes de se tornar um conhecimento sistematizado, construído e transmitido segundo regras e valores aceitos na ciência moderna, a geografia e o

⁵ O trabalho em questão é a dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP): “Alfabetização geográfica: o ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental”. A autora utiliza a seguinte abordagem para desdobrar o tema: primeiramente, um capítulo de levantamento bibliográfico referente ao ensino de geografia, dedicando-se, sobretudo, a teses e dissertações produzidas entre 1982 e 2007; um segundo capítulo onde aborda as questões conceituais entre alfabetização convencional, alfabetização em geografia e linguagem; o capítulo seguinte passa pela análise dos principais aspectos dificultadores do trabalho de alfabetização em geografia; um quarto capítulo no qual, a partir de entrevistas, examina as concepções de professoras polivalentes da região de Catanduva/São Paulo em relação às suas respectivas formações e práticas de ensino em geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.

raciocínio geográfico que a fundamenta são saberes diretamente ligados à vida dos indivíduos em suas interações com os diversos espaços e tempos em que vivem (Claval, 2010).

Junto com Cavalcanti (1999) acreditamos ser fundamental partir de uma “geografia do aluno”, de modo a desenvolver seu raciocínio geográfico, que é a capacidade de estabelecer relações espaço-temporais entre fenômenos e processos em diferentes escalas geográficas. O raciocínio geográfico antecede a sistematização disciplinar da geografia, no entanto, ocupa um papel secundário nas práticas de ensino da disciplina, as quais privilegiam uma lógica de planejamento baseada no conteudismo e na repetição (Giroto, 2016).

É essencial considerar o conhecimento geográfico dos alunos, esclarecendo-os sobre sua condição de cidadãos inseridos numa sociedade fraturada em classes socioeconômicas. A compreensão de aspectos relacionados às dinâmicas mundiais, nacionais, regionais, urbanas e locais, como as lógicas específicas de bairros, deve ocorrer paralelamente à análise dos inúmeros limites resultantes das alienações, permitindo-lhes discernir e refletir sobre experiências sociais e individuais. Isso capacita os alunos a potencializarem suas ações no mundo (Damiani, 1999).

O pensamento geográfico está presente em diferentes estratégias de reprodução e naturalização da vida social alinhada ao modo de produção capitalista (Cavalcanti, 2012). Desenvolver ações pedagógicas que permitam aos estudantes compreender tais estratégias, refletir criticamente sobre elas e conceber possibilidades de subversão contribui para uma alfabetização geográfica que ultrapasse a mera memorização de conteúdos e a tradição pedagógica tradicional. Essa abordagem busca um aprofundamento maior sobre o mundo no qual os alunos estão inseridos.

Alfabetização geográfica e os anos iniciais

Gonçalves e Lopes (2008), apesar de desenvolverem uma produção crítica no que toca os fundamentos da alfabetização geográfica, relacionam esse processo diretamente aos primeiros anos do ensino fundamental. Os autores reproduzem noções que propõem a alfabetização geográfica como um processo inscrito nos anos

iniciais da educação e que pretende trabalhar com conceitos e habilidades geográficas específicas junto às crianças.

Conceitos como espaço, território, paisagem e lugar e habilidades como: observação, leitura, descrição, comparação, ordenação, classificação, identificação de fenômenos geográficos devem ser mobilizados em interação com o cotidiano: “Ao iniciar o processo de alfabetização, a aquisição da leitura e da escrita em uma perspectiva de letramento, em que as práticas sociais são consideradas relevantes em todo processo [...]” (Gonçalves & Lopes, 2008, p. 48).

Em sua dissertação de mestrado, defendida em 2013, Gonçalves se propôs a investigar como os educadores geográficos das universidades públicas concebem a alfabetização geográfica. Para tanto, valeu-se de entrevistas com educadores de nível superior de universidades públicas da região sudeste. Parte da definição, diz respeito àquela defendida em seu trabalho de 2008, de que a Alfabetização Geográfica é:

Por isso, desde um trabalho anterior, venho utilizando a expressão “Alfabetização Geográfica” (2008, p. 48-49) para designar a Geografia escolar destinada aos anos iniciais (do 1º ao 5º) e para instituir a relevância de se pensar o educando envolvido com conceitos, habilidades e saberes geográficos desde o início de sua escolarização; pois, dessa forma, ele teria a possibilidade de construir uma aprendizagem que considero significativa, desvelando habilidade para observar, ler, escrever, comparar, ordenar, classificar e identificar os eventos geográficos para melhor interagir no mundo em que está inserido e ter a possibilidade de perceber e ler com criticidade, por meio do olhar espacial, os eventos ocorridos na sociedade (Gonçalves, 2013, p. 21).

No terceiro capítulo da dissertação, a autora realiza um levantamento bibliográfico sobre o movimento de constituição da geografia escolar nos anos iniciais do ensino fundamental no contexto escolar brasileiro. A compreensão da alfabetização geográfica como sinônimo do ensino de geografia nos anos iniciais é reforçada. Nesse sentido, ela busca na história os saberes geográficos transmitidos e as práticas pedagógicas empregadas em cada período para o ensino das crianças. Isso leva ao entendimento de que a alfabetização geográfica é uma prática que existe desde o surgimento do ensino de geografia. Para a autora, esse ensino começou a ser realizado desde meados do século XVI com o trabalho dos jesuítas, que transmitiam conhecimentos geográficos provenientes de textos religiosos e literários.

No entanto, essa prática não configurava um ensino de geografia científico-formal conforme os padrões atuais.

Argumenta-se aqui que este entendimento é problemático, pois não contempla uma reflexão sobre o que constitui a alfabetização em geografia, limitando-se a associá-la, principalmente, ao ensino da disciplina para crianças. Essa abordagem é problemática em duas frentes: primeiro, ao considerar o processo como direcionado a uma faixa etária específica; segundo, ao supor que a alfabetização geográfica é uma prática que existe desde meados da Idade Média e Moderna, períodos em que o campo científico da geografia ainda não estava consolidado de acordo com os padrões científicos.

Em sentido similar, Barros (2015), valendo-se da literatura de cordel como recurso para o ensino e alfabetização em geografia, produz um estudo de caráter metodológico inovador, mas que, todavia, compreende o processo de alfabetização em geografia como um desdobramento dos anos iniciais, assim, a interface com o gênero literário se justifica sob fundamentos teóricos frágeis. O termo alfabetização geográfica aparece apenas no título e uma única vez no corpo do texto, de modo a não remeter a maiores aprofundamentos e referenciais.

Alfabetização Científica em Geografia

Moraes e Rodrigues (2017), com base em uma pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado, na qual se propôs estudar “indicadores para a alfabetização geográfica”, produziram um estudo sobre as formas de construir metodologias avaliativas das competências geográficas de discentes e docentes. As autoras focalizam o conjunto de teorias, metodologias e conceitos que compõem os conhecimentos científicos em geografia como aspectos fundamentais na promoção de uma alfabetização geográfica relacional e significativa. Os Indicadores para a Alfabetização Geográfica (IAG), ao mesmo tempo em que apontam caminhos para a construção de metodologias de avaliação do aprendizado, demandam uma contínua reflexão sobre os objetivos, sentidos e implicações para o ensino da geografia.

Acreditamos que o papel primordial da Geografia no ensino básico é alfabetizar geograficamente os alunos, por meio da construção dos conhecimentos científicos. Trabalhar com

conhecimento científico no ensino da geografia escolar, proporciona que o processo de ensino-aprendizagem volta-se para construção de saberes que sejam socialmente importantes. Assim, há a possibilidade de construção de diálogo entre conteúdos trabalhados em sala de aula e aquilo que os alunos visualizam em seu bairro, em sua casa, nas mídias sociais e até em notícias do outro lado mundo (Moraes e Rodrigues, 2017, p. 120).

Indo ao encontro desta perspectiva, Risetete (2017) desenvolveu uma pesquisa voltada à elaboração de indicadores de “alfabetização científica para a educação geográfica”, com o objetivo de estabelecer um sistema de avaliação para o processo de ensino e aprendizagem em geografia. O trabalho, fundamentado em aportes do pensamento espacial, da alfabetização cartográfica, do raciocínio geográfico e da alfabetização científica, considera que a alfabetização científica em geografia constitui a base teórica que sustenta a concepção de alfabetização geográfica. Em sintonia com a autora, complementamos sua posição defendendo que esses conteúdos e habilidades, essenciais ao fazer científico em geografia, devem ser mobilizados em atenção aos saberes geográficos e práticas espaciais trazidos e vivenciados pelos alunos.

Considerações finais

Conforme exposto, é possível perceber que a alfabetização em geografia, ao longo do desenvolvimento de estudos sobre o tema no Brasil, resguarda uma multiplicidade de possibilidades em termos de designação, aplicação e referenciais. A consideração desses diferentes avanços, de modo a estabelecer um olhar crítico, destacando as fragilidades e potências dessas tendências no sentido da busca por uma perspectiva geográfica integralizada, científica e sensível à realidade dos alunos, foi a pretensão do presente artigo.

Independentemente de como se denomine – alfabetização em geografia, alfabetização geográfica, alfabetização espacial ou letramento espacial – o que nos parece essencial neste processo é a iniciação dos estudantes, independente da idade, no contato com os conhecimentos científicos em geografia de forma crítica, criativa e questionadora, promovendo sua interação e confrontação com outros saberes.

Importa desenvolver o pensamento autônomo dos alunos do ponto de vista do raciocínio geográfico, para que os cidadãos tenham consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que vivenciam diretamente ou enquanto humanidade (Cavalcanti, 1999). Essa abordagem deve permitir que os alunos dominem as categorias interpretativas do conhecimento geográfico e consigam vinculá-las à sua prática cotidiana, produzindo uma leitura geográfica do mundo em que vivem.

Referências

- AIGNER, C. H. O. **Alfabetização em Geografia e Educação Ambiental: construindo a cidadania em escolas voltadas à educação popular**. 2002. 207 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4333>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- BEZERRA, F. N. A. R. **A importância do ensino da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental I: um estudo de caso na cidade de São João do Rio do Peixe - PB**. 2016. 54 p. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras, Cajazeiras, PB. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/9337>. Acesso em: 06 set. 2023.
- CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 66, v. 25, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CALLAI, H. C. Educação Geográfica: Ensinar e aprender Geografia. In: CASTELLAR, S. M. V.; MUNHOZ, J. A.; ARROIO, A. (orgs.). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012. p. 73-87.
- CASTROGIOVANNI, A. C. et al. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Antonio Carlos Castrogiovanni (org.). Porto Alegre: Mediação, 2000. cap. 1, p. 11-79.
- CAVALCANTI, L. **Ensino de geografia na escola**. Campinas: Papyrus, 2012. 269 p.
- CAVALCANTI, L. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998. 192 p.
- CAVALCANTI, L. Propostas curriculares de Geografia no ensino: algumas referências de análise. **Terra Livre**, n. 14, p. 125-145, 1999.
- CLAVAL, P. **Terra dos homens**. São Paulo: Contexto, 2010. 144 p.
- DAMIANI, A. L. **O lugar e a produção do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 1999. 161 p.

DUARTE, R. Formação inicial docente em geografia: a importância de situar a alfabetização cartográfica no contexto da alfabetização espacial. In: SALES, F. O.; SALES, K. M. G. (orgs.). **Cultura, epistemologia e educação em ciências exatas e da terra**. Ponta Grossa: Atena, 2021. Cap. 9, p. 110-120.

GIROTTI, E. D. A dimensão espacial da escola pública: leituras sobre a reorganização da rede estadual de São Paulo. **Educação & Sociedade**, v. 37, p. 1121-1141, 2016.

GONÇALVES, T. R. P. S. **Alfabetização geográfica: o olhar dos educadores geográficos de universidades públicas brasileiras**. 2013. 170 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, RJ. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3854>. Acesso em: 12 nov. 2023.

GONÇALVES, T. R. P. S.; LOPES, J. J. M. Alfabetização geográfica nos primeiros anos do Ensino Fundamental. **Instrumento: Revista de Estudos e Pesquisas em Educação**, Juiz de Fora, v. 10, p. 45-52, jan./dez. 2008.

LACOSTE, Y. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra**. Campinas: Papyrus, 1988 [1976]. 240 p.

MARQUES, V. M. **Alfabetização geográfica: o ensino de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12352>. Acesso em: 29 nov. 2023.

MAZZONETTO, M. L. P.; MOREIRA, A. C. Alfabetização geográfica nas séries iniciais do ensino fundamental. **R. Ciências Humanas, Frederico Westphalen**, v. 7, n. 9, p. 121-132, dez. 2006.

MORAES, J. V. M.; RODRIGUES, P. B. Ler o mundo para compreendê-lo: indicadores de alfabetização geográfica (IAG). **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial, p. 119-139, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332528208_LER_O_MUNDO_PARA_COMPREENDE-LO_INDICADORES_DE_ALFABETIZACAO_GEOGRAFICA_IAG. Acesso em: 18 nov. 2023.

PEGORETTI, R. F.; OLIVEIRA, R. A.; FRICK, E. C. L. Ensino escolar da geopolítica e sua importância na alfabetização geográfica. In: Seminário Estadual do PIBID, II. 2014, Foz do Iguaçu. **Anais**. Foz do Iguaçu: Unioeste; Unila, 2014, p.1-6. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/2786?show=full>. Acesso em: 12 nov. 2023.

PEREIRA, D. Geografia escolar: conteúdos e/ou objetivos. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 17, p. 139-151, jul. 1995.

PEREZ, C. L. V. Ler o espaço para compreender o mundo: algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia. **Revista Tamoios**, v. 1, n. 2, 2005.

RISSETTE, M. C. U. **Pensamento espacial e raciocínio geográfico: uma proposta de indicadores para a alfabetização científica na educação geográfica.** 2017. 210 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15022018-103250/publico/MARCIA_CRISTINA_URZE_RISSETTE_rev.pdf. Acesso em: 21 nov. 2023.

SANTOS, L. M. **A alfabetização geográfica nas séries iniciais do ensino fundamental: o caso de uma escola urbana da rede pública de Alagoa Nova - PB.** 2015. 52 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2015. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/22630>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SILVA, R. B. C.; BRAGA, M. C. Alfabetização na disciplina Geografia: uma discussão necessária. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 25, p. 117-128, jul./dez. 2001.

VICENTE, N. A. **Alfabetização espacial na aprendizagem de jovens e adultos: um diário de aventuras.** 2015. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128938>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo.** Porto Alegre: Artmed, 2002. 248 p.

ZERBATO, C. R. S. **Currículo e alfabetização geográfica no contexto das políticas educacionais neoliberais: leitura de suas interfaces em escolas públicas paulistas e sul-mato-grossenses.** 2013. 203 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2013. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFGD_0212d81e649a6bd4601c9fe1c800710. Acesso em: 10 dez. 2023.